CMP 2.1.7.166

FOLHA DE S. PAULO ilustrada
Sexta-feira, 13 de abril de 1979

Por que morreu o Cristo Jesus

"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

GERARDO MELLO MOURÃO

"Ó vós todos que passais pelo caminho, parai e vede se há dor igual à minha dor". Com estas palavras, Jeremias, um dos quatro grandes profetas de Israel, e que viveu setecentos anos antes de Cristo, profetizava os sofrimentos do Filho do Homem, carregando nas costas, na subida do morro — o Gólgota, ou Calvário — a cruz em que morreria entre dois ladrões, pregado com pregos de ferro nas mãos e nos pés.

Como era a cruz carregada pelo Cristo? Segundo uma velha tradição, documentada por São Gregório de Tours, e de acordo com os exames feitos em relíquias existentes do sagrado lenho, a cruz era de pinho. Media dois metros e oitenta de altura. O braço horizontal teria entre dois metros e trinta, e dois metros e sessenta. Rohault de Fleury, fazendo um cálculo sobre os fragmentos existentes em todo o mundo, embora chegue a conclusões um pouco diversas das de São Gregório de Tours, atribuindo à cruz quatro metros de altura por dois de braço horizontal, confirma, à base de exames microscópicos da madeira, sua qualidade e densidade: — a cruz era mesmo de pinho, com um volume de 178 mil centímetros cúbicos, devendo pesar uns setenta e cinco quilos. Que seu peso era pouco suportável para o homem que a carregava, não pode haver dúvida: a história, narrada pelos cronistas da época, conta que o Cristo caiu três vezes no caminho, não suportando a carga. Os carrascos, temendo que ele não aguentasse mais, e não chegasse vivo ao local do sacrifício, num gesto de arbitrariedade e brutalidade policial, pegaram um cidadão no meio do caminho, e obrigaram-no a carregar a cruz pelo Cristo desfalecido. Tratava-se de um homem de Cirene, chamado Simão. Daí ficou o costume de chamar-se de Cireneu a qualquer pessoa que venha em ajuda de alguém que se encontra em dificuldade.

Nenhum dos quatro evangelistas dá o nome do lugar terrível em que foi crucificado o Cristo. Mas nalgumas passagens da Vulgata se diz que foi na Calvaria (assim, no feminino). "Calvaria" quer dizer a "caveira". Os judeus chamavam ao lugar de "Gólgota", com a mesma significação de "crânio", derivado de "galal", que quer dizer "rodar". O nome do monte — o pequeno monte que passou a ser o ponto culminante da história para os povos do Ocidente —, se deve, segundo uns, ao fato de que sua cima tinha a forma de um crânio calvo. Para São Jerônimo e para vários outros escritores, o nome se devia ao fato de que aquele era o lugar de execução e sepultamento fixado pelos judeus. Além disso, havia a lenda, a tradição milenar, de que no interior da rocha do Gólgota se guardara o crânio de Adão. O que é certo é que os evangelistas não ousam sequer pronunciar o nome do Calvário. Dizem apenas: — "o lugar". "O lugar", porém, está identificado desde os dias da morte do Cristo. São Paulo, na epístola aos Hebreus, diz que "o lugar" está "fora da porta da cidade". "Perto da cidade" — diz o Evangelho de São João. E o historiador judeu Josephus situa o Calvário entre a segunda e a terceira muralha, onde Adriano, para apagar a memória de Jesus, mandou erguer, no lugar exato de sua morte, uma estátua a Vênus, do mesmo modo como, no Santo Sepulcro, erigiu um monumento a Júpiter e mandou fazer uma terraplenagem nos Lugares sagrados. Documentava assim, para sempre, sem saber, aqueles lugares santos, de onde Santa Elena, mãe do imperador Constantino, mandaria arrancar todos esses símbolos profanos, trabalho que foi executado pelo arquiteto de Constantinopla, o famoso Eustáquio, onde Santa Melânia, a Menor, edificaria a primeira igreja do Calvário, em 436 e onde o imperador Teodósio, o Jovem, do século 6.o, mandaria guardar, cercada por uma balaustrada de prata, a cruz em que esteve pregado o Filho do Homem. Os cruzados, seiscentos anos depois, construiram o templo que ainda hoje está lá, reunindo o lugar da morte e o sepulcro, onde os muçulmanos garantiram, desde os tempos do sultão Saladino, a celebração do culto cristão, ininterruptamente exercido ali até nossos dias.

COMO MORREU JESUS

Nenhum documento seria mais eloquente, nenhuma literatura mais fiel, do que o simples e enxuto relato da paixão segundo Mateus, que depois de contar a traição de Judas e a covardia de Pedro, narra os fatos, minuciosamente, a partir da madrugada de sexta-feira, o dia da morte.

"Chegada a madrugada — diz ele — todos os sacerdotes principais e os chefes do povo entraram em conselho contra Jesus, para o entregarem à morte. Levaram-no, de mãos amarradas, e o entregaram a Pilatos. Então Judas, que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, tornou a levar as trinta moedas de prata aos sacerdotes e aos anciãos, dizendo: — Pequei, traindo sangue inocente. Mas eles responderam: "Que nos importa. Isto é problema teu." Judas, depois de arremessar as moedas de prata no santuário, retirou-se e foi enforcar-se. Os sacerdotes apanharam as moedas, mas observaram: "Nao .é lícito depositá-las no tesouro sagrado, porque é preço de sangue. Depois de deliberarem em conselho, compraram com elas o campo de um oleiro, a fim de servir de cemitério aos estrangeiros. Daí porque este campo passou a ser chamado de "Campo do Sangue". Assim se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que escrevera: "E tomaram as trinta moedas de prata, preço pelo qual ele foi vendido entre os próprios filhos de Israel, e deram esse dinheiro pelo Campo do Oleiro, tal como foi previsto pelo Senhor".

Jesus estava em pé, perante o governador, que o interrogou: "Ês tu o rei dos judeus?" Respondeu-lhe Jesus: "Tu o dizes". Mas enquanto os príncipes dos sacerdotes e os anciãos o acusavam, ele silenciava. Não dizia uma palavra, causando, assim, grande admiração a Pilatos. Era a festa da Páscoa dos judeus, e naquele tempo o governador costumava dar liberdade a um preso, indicado pelo povo. Havia, à época um famoso delinquente, chamado Barrabás. Pilatos, então perguntou: "Qual dos dois quereis que eu indulte: Barrabás ou Jesus, chamado o Cristo?" Sabia que eles o tinham entregado apenas por inveja. Estava nesta, sentado no tribunal, quando sua mulher mandou dizer-lhe: "Não te envolvas na questão deste justo, pois hoje tive uns sonhos ruins por causa dele!" Mas os sacerdotes insuflaram o povo para que escolhesse Barrabás e matasse Jesus. E quando ele perguntou de novo — "Qual dos dois quereis que eu solte" —, a multidão respondeu: "Barrabás". Pilatos, constrangido, perguntou-lhes, então, que é que devia fazer com Jesus. Bradaram efurecidos: "Prega na cruz!" Pilatos insistiu: "Mas que mal fez ele?" E a multidão clamava: "Prega na cruz!" Ao ver que nada conseguia, e que, ao contrário, o tumulto aumentava, Pilatos mandou buscar água, lavou as mãos diante da multidão e declarou: "Sou inocente do sangue deste justo, e a responsabilidade é vossa". A multidão açulada uivou: "O sangue dele pode cair sobre nós e sobre nossos filhos". Então, Pilatos soltou a Barrabás, e mandando açoitar Jesus, entregou-o para ser crucificado.

Depois os soldados do governador, conduzindo Jesus ao pretório, reuniram em torno dele toda a corte. Despindo-o, vestiram-lhe um manto carmezim. Em seguida, tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça, e uma cana na mão direita. E ajoelhando-se diante dele, escarneciam, dizendo: — "Salve, rei dos Judeus!" E cuspindo nele, tomavam-lhe a cana e davam-lhe com ela na cabeça. Escarneciam dele, tiraram-lhe o manto e o vestiram com as vestes com que ia ser levado à crucificação. Chegados a um lugar chamado Gólgota, que quer dizer lugar da caveira, deram-lhe a beber vinho com fel; e ele, tendo-o provado, não o quis beber. Depois de o crucificarem, repartiram entre si as vestes dele e jogaram a sorte sobre elas, e sentados ali o guardavam. Puseram sobre sua cabeça uma placa escrita: "Jesus Nazareno, rei dos Judeus".

OS FENÔMENOS

Registra a história fenômenos até hoje inexplicáveis, ocorridos na hora da morte de Jesus que, antes de entregar o espírito, por sete vezes exclamou uma frase, do alto da cruz. A última delas foi "Eli, Eli, lama sabacthani", que os evangelistas registram em aramaico e que são Jerônimo não ousou traduzir, e que significa: "Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?" Depois disso, deu um alto brado, e morreu. Nesse momento, no templo de Jerusalém, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu e racharam-se as rochas. Ainda hoje, se vê a pedra rachada no alto do Calvário. E os corpos de muitas pessoas já mortas foram vistos andando espantosamente pela cidade. Um nobre judeu, da povoação de Arimatéia, foi a Pilatos, pediu o corpo que permanecia pendurado na cruz e, na companhia de mulheres piedosas, meteu-o, envolto num lençol de linho, no túmulo que preparara para si mesmo, cavado numa rocha. Os judeus se lembraram de que ele havia prometido ressuscitar-se ao terceiro dia, e foram por isso a Pilatos, para que mandasse soldados guardarem o túmulo. Isto foi feito. Selaram o sepulcro e colocaram uma grande pedra em sua boca. Ao terceiro dia, sob o resplendor de um anjo, abriu-se a pedra do sepulcro, ele apareceu ressurgido e redivivo, e teve alguns encontros com discípulos, até subir finalmente aos céus.

PORQUE MORREU JESUS

Ao ofender a Deus, o homem foi expulso do paraíso terrestre e ficaram para ele e para sua descendência fechadas as portas da salvação. Sendo Deus infinito em todos os seus atributos, uma falta cometida contra Ele era infinita, e o homem, limitado em seus alcances, não tinha capacidade de resgatar sua dívida de caráter infinito. Foi então que, por amor a essa pobre e maravilhosa raça planetária, uma das pessoas da Trindade Suprema, o Filho de Deus, ofereceu-se para fazer-se homem, a fim de em nome de todos os homens alcançar a redenção de toda a nossa espécie, oferecendo ao Pai eterno um sacrifício também de valor infinito: o de sua própria vida. E foi por isso que Jesus se fez humilde até à morte, deixando-se sacrificar como um cordeiro inocente. Fray Luís de León, em seus sermões sobre os diversos nomes de Jesus, nomes que variam de Leão a Cordeiro, sustenta que nenhum lhe assenta melhor, como vítima inocente, que o de Cordeiro. É nesta morte, que a cristandade celebra hoje comovida em todas as igrejas do mundo, que o Cristo se faz mais íntimo de cada um de nós, assumindo aquela que é a mais triste condição do ser humano: a perecibilidade do próprio corpo. Foi na morte que ele se fez a imagem de cada homem, e é no sofrimento da morte e da tortura que o ser humano alcança sua semelhança maior com o Cristo. Nem foi por acaso que, dois mil anos depois de sua morte, um de seus Vigários na terra, o saudoso papa Paulo 6.º, mandou esculpir em bronze, nas vetustas portas do Vaticano, um imenso painel de baixo-relevo em que aparecem torturadas, no garrote, no pau-de-arara, nos choques elétricos e no fogo, as figuras daqueles que testemunharam o Cristo em Uganda, simbolizando todos os torturados de nossos dias. Pois hoje ainda, os tribunais farisaicos e a covardia de Pilatos continuam entregando o Cristo ao suplício e à morte, sempre que maltratam qualquer daqueles pelos quais ele deu a vida. Pois ele, como lembra o poeta Claudel, ao morrer por nós, na própria hora da morte nos deu tudo, inclusive sua própria Mãe, numa das frases que pronunciou na Cruz, dizendo ao companheiro que o assistia: "Eis a tua mãe". "Omnia mea tua sunt" — tudo o que é meu passa a ser teu — é o que nos diz o Cristo Jesus do alto de seu patíbulo. Tudo, inclusive o reino dos céus, que ele abriu para todos os que não se envergonham dele, para todos os que o invocam e confessam. E que só estará fechado para aqueles que continuam a assassiná-lo, torturá-lo e vilipendiá-lo, ao torturar, vilipendiar e matar o mais humilde dos seres humanos.

Cristo, por Aleijadinho

Cristãos Japoneses

Osvaldo Peralva

TOQUIO — Missas especiais, procissões com a imagem do Cristo Ressuscitado e outras cerimônias do ritual católico assinalarão, na semana corrente, de modo mais visível, a presença do cristianismo no Japão, onde chegou em 1549, encarnado em um jesuíta espanhol, tão conhecido em todo o mundo cirstão: São Francisco Xavier, de Sapporo, no extremo norte, a Naha, no extremo sul, passando por Tóquio, Osaka, Nagasaki e tantas outras cidades, é sempre possível divisar uma cruz, no topo de uma igreja.

Os cristãos japoneses constituem menos de um por cento da população nacional, cerca de 900 mil, sendo a metade formada de católicos. A outra metade está assim distribuída: Nihon Kirisuto Kyodan (Igreja Unida de Cristo no Japão), fundada em 1941 pela união de 34 seitas e organizações religiosas. É a maior igreja protestante do país, com cerca de 430 mil membros. Nippon Sei-Ko Kai (igreja Episcopal Anglicana), criada por dois missionários vindos dos Estados Unidos em 1859, cerca de 55 mil membros. Igreja Evangélica Luterana do Japão, criada em 1893 também por missionários norte-americanos. Convenção Batista do Japão, 25 mil membros. Sagrada Igreja Ortodoxa, estabelecida em 1861 pelo padre Nikolai, arcebispo da Igreja Ortodoxa Russa em Moscou, cerca de 10 mil membros. Quanto à Igreja Católica, tem aproximadamente 400 mil membros, e seu número vem aumentando lentamente, em 1973 era de 360 mil.

A maior concentração católica japonesa se encontra em Nagasaki, uma das duas cidades devastadas pela bomba atômica, em agosto de 1945, embora uma coisa nada tenha a ver com a outra. Nessa província (com o mesmo nome da sua capital) encontram-se 75 mil católicos em meio a uma população de 1 milhão e 500 mil, ao passo que em Tóquio, com 12 milhões de habitantes, existem somente 54 mil católicos.

É que em Nagasaki o catolicismo tem sido alimentado pela história dos 26 mártires crucificados ali, em 5 de fevereiro de 1597, por ordem direta de Toyotori Hideyo. O édito dizia: "Porque esses homens vieram das Filipinas se deixaram ficar no Miyako pregando a lei dos cristãos, que eu proibi rigorosamente, mando que sejam justiçados juntamente com os japoneses que se tornaram de sua lei..."

Entre os 26 havia espanhóis, portugueses e japoneses, como Paulo Miki, que adotou o prenome cristão ao ser convertido e que, depois de seu martírio, como os demais jovens, foi canonizado, lá se encontrava também um mexicano. O mais jovem dos mártires, o japonês João de Gotoo, tinha 19 anos. Hoje, na colina Mishizaka, onde foram executados ergue-se um grande monumento de granito e bronze. Um edifício de três andares, em cimento armado, serve como museu dos mártires.

A princípio o cristianismo foi bem recebido no Japão. Havia conversações em massa de senhores feudais e suas famílias, samurais e suas famílias. Numa população de 15 a 20 milhões de habitantes, os católicos chegaram a 300 mil. Três meses após sua chegada a Kagoshima, São Francisco Xavier dizia, em carta enviada à Europa: "As pessoas que eu tenho conhecido até agora são as melhores que eu já descobri e me parece que não encontraremos jamais entre os pagãos outra raça igual aos japoneses. Eles são pessoas de muito boas maneiras, bons em geral, e sem malícia. São pessoas honradas a toda prova e prezam a honra acima de tudo no mundo".

A esperança era de que toda a nação seria convertida em breve ao cristianismo. Durante uns 50 anos sua influência era realmente extraordinária. E as atividades se multiplicavam. Mas logo surgiram desconfianças sobre suas intenções e resistência à sua ação, partida dos nacionalistas xintoístas, e mais tarde dos sacerdotes budistas. A religião católica acabou sendo proibida pelo governo. Durante 300 anos os católicos passaram a atuar na clandestinidade.

Em 1960 o Papa nomeou o arcebispo Pedro Tatsuo Doi como o primeiro cardeal japonês, ao qual sucedeu em 1973 Paulo Yoshigoro Taguchi Doi como o segundo cardeal neste país. De acordo com a orientação ecumênica do Vaticano, o Papa anterior, João Paulo Segundo, manifestou respeito pela religião Shinto (que é panteísta), durante audiência concedida a 30 representantes do xintoísmo. Aliás, muitos japoneses são ao mesmo tempo sintoístas e budistas.

Em muitos casos, além dessa mescla religiosa, há ainda uma aproximação com o cristianismo. O padre Campion, do "Franciscan Chapel Center", em conversa com este correspondente, disse que muitos japoneses gostam de ler a Bíblia e alguns até se proclamam cristãos, embora não frequentem nenhuma igreja e não saibam responder precisamente se são católicos ou protestantes. Alguns se casam no civil e depois, em vez de ir a um templo xintoísta para a cerimônia religiosa, vão a uma igreja católica, mesmo sem ser batizados, explicação dada numa pesquisa de opinião pública: o cerimonial católico é mais imponente. E os padres atendem a seu desejo, como uma forma de bênção ao casal.

Aliás, essa capela é a única igreja católica existente no Japão para atender a estrangeiros: diplomatas, homens de negócios, turistas. O serviço religioso é feito em quatro idiomas: coreano, inglês, espanhol e japonês. Ao lado, há uma escola de língua japonesa especialmente para os missionários estrangeiros. Fica em Roppongi, que é um dos centros da vida noturna nesta capital.